
A jazida paleolítica de Sapateiros 2 (Reguengos de Monsaraz)

JOÃO PEDRO CUNHA-RIBEIRO¹
SARA CURA²

R E S U M O A descoberta da jazida paleolítica de Sapateiros 2 ocorreu em finais de 1999, no decurso dos trabalhos de Minimização de Impactes da Barragem de Alqueva desenvolvidos no âmbito da Pré-História Antiga, tendo-se procedido no decurso de 2000 à realização de duas campanhas de escavação cujos resultados preliminares ora se apresentam, acompanhados de uma sumária caracterização tecno-tipológica dos materiais líticos aí exumados. Basicamente foi possível associar tais vestígios arqueológicos a dois distintos momentos da presença do homem paleolítico na região, presença essa em qualquer dos casos conectada com sistemas de produção de materiais líticos badeados na debitagem do quartzite a partir do aproveitamento dos seixos rolados localmente disponíveis.

A B S T R A C T The finding of the Palaeolithic site known as Sapateiros 2 occurred at the end of 1999, during the archaeological survey before the conclusion of the Alqueva dam project. During the year 2000, two campaigns were carried on. Their preliminary results are now being published, together with a tecno-typological brief characterization of the lithic materials which have been found there. These archaeological findings could be related to two different moments of the existence of the Paleolithic man in the country, which were connected with a lithic materials system production based in local quartzite pebble debitage.

1. Localização e descoberta

A jazida paleolítica de Sapateiros 2 encontra-se na actualidade submersa pelas águas da albufeira do Alqueva, a uma profundidade que, caso esta venha a atingir a cota máxima de enchimento prevista, pode ultrapassar os 30 m. Originalmente, porém, esta jazida localizava-se na margem direita do rio Guadiana, cerca de 500 m a montante da velha ponte que permitia a ligação da vila de Mourão à vizinha vila de Reguengos de Monsaraz através da Estrada Nacional 256, a escassos metros da Estrada 514, que, por seu turno, se dirigia das imediações da referida ponte para a acastelada vila de Monsaraz. Do ponto de vista administrativo integrava-se na freguesia de Monsaraz do concelho de Reguengos de Monsaraz, no distrito de Évora.

Eram as seguintes as coordenadas geográficas do local:

Latitude: 38° 24' 19.1" N

Longitude: 7° 22' 49.5" W

Altitude: 124 metros

Em termos topográficos a jazida situava-se numa plataforma com uma altitude relativa de cerca de 20 m sobre o leito do Guadiana, que se alongava paralelamente ao curso do rio, sobranceira à várzea que aí formava o respectivo leito de cheia. A plataforma apresentava-se entrecortada pelo suave encaixe de diversas linhas de água que, para jusante da ribeira de Sapateiros, corriam para o Guadiana na sua perpendicular, ocupando a jazida uma posição culminante entre duas dessas linhas de água.

A descoberta da jazida foi propiciada pelos trabalhos preparatórios da construção da ponte sobre o Guadiana que restabeleceu a ligação entre Mourão e Reguengos de Monsaraz após o enchimento da albufeira do Alqueva. A desmatção a que se procedeu nos finais de 1999 para se erguer os estaleiros de apoio à obra permitiu identificar a existência de uma cascalheira pouco espessa a uma profundidade significativa em relação ao topo da plataforma, mas que aflorava à superfície nas suaves vertentes criadas pelo encaixe de duas linhas de água, por onde se dispersava aliás um apreciável número de calhaus rolados e materiais líticos talhados que nela originalmente se haviam integrado.

A imediata abertura, com recurso a meios mecânicos, de uma extensa vala de sondagem perpendicular ao leito do rio confirmou não só a importância arqueológica do local, como também

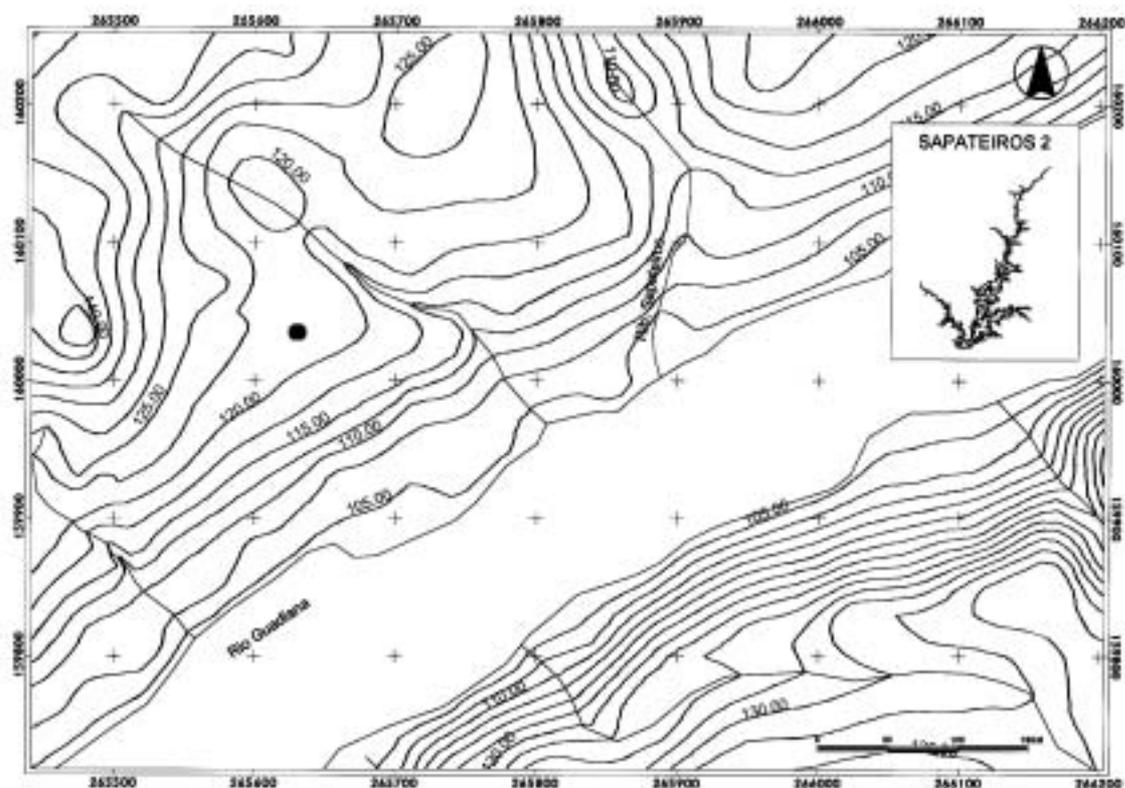


Fig. 1 Localização topográfica da jazida.

viabilizou uma pertinente observação do desenvolvimento estratigráfico da jazida e, em particular, do nível arqueológico inicialmente assinalado. Paralelamente, a recolha de uma primeira coleção de materiais líticos talhados e a sua sumária classificação sugeriu ainda a provável associação dos materiais líticos exumados às indústrias de debitação do Paleolítico Médio.



Fig. 2 Vista geral da vala de sondagem e da escavação do sector E/SE.

2. Antecedentes

A importância arqueológica de toda a área envolvente encontrava-se há muito patenteada pela identificação de múltiplos vestígios arqueológicos, sendo de destacar a recolha de materiais líticos talhados junto da ponte de Mourão (Paço e Leal, 1962; Perdigão, 1980) e a descoberta, escavação e estudo da chamada estação *languedocense* do Xerez de Baixo (Raposo e Silva, 1980), situando-se esta última a apenas escassas dezenas de metros da própria jazida de Sapateiros 2, num corte aberto na periferia da plataforma pelo traçado da estrada para Monsaraz. Mas se na primeira situação referida os achados realizados se resumiam a um escasso número de objectos líticos talhados em quartzito que genericamente se atribuíam ao Paleolítico, no segundo caso havia-se exumado um significativo conjunto de vestígios, que incluíam macro-utensílios talhados de quartzito, diversos produtos e subprodutos de debitação e talhe, bem como alguns fragmentos de cerâmica. Da presumida homogeneidade do conjunto resultou mesmo uma tentativa de definição do este-reótipo tipológico do chamado *Languedocense* (Raposo e Silva, 1984), essa mítica entidade arqueológica cuja existência se procurou persistentemente vislumbrar entre nós em múltiplas indús-

trias líticas, quase sempre recolhidas à superfície e/ou associadas a contextos manifestamente secundários.

Mais recentemente, no decorrer dos próprios trabalhos de minimização de impactes sobre o património arqueológico, promovidos pela EDIA (Empresa de Desenvolvimento e Infra-estruturas do Alqueva), identificaram-se ainda na área envolvente da jazida de Sapateiros 2 vestígios líticos atribuíveis a diversos momentos do Paleolítico e a ocupações posteriores, detectados na superfície revolvida da planície de inundação adjacente, num lugar que pela precedência da sua descoberta foi denominado de Sapateiros. Poucas centenas de metros para montante situa-se ainda a importante estação arqueológica pós-paleolítica da Barca do Xerez, igualmente descoberta nos últimos anos (Almeida et al., 1999), onde foi possível recolher, em contexto primário, vestígios faunísticos associados a materiais líticos talhados produzidos no próprio local.

Em todo caso, em nenhuma circunstância se havia reconhecido nas imediações da jazida de Sapateiros 2, nem em toda a área da bacia hidrográfica do rio Guadiana integrada em território português a presença de vestígios arqueológicos associáveis ao Paleolítico Médio. Mesmo para montante, no vizinho território espanhol, a existência de tais testemunhos restringia-se a pouco mais de uma dezena de jazidas de ar livre (González Echegaray e Freeman, 1998).

Nas proximidades da fronteira, na comarca de Badajoz, assinalara-se nas primeiras décadas do século XX a existência de três jazidas com materiais considerados mustierenses, todas elas descobertas por Henri Breuil (1917). Uma outra jazida havia sido já então também identificada nas proximidades de Mérida (Breuil, 1917), área onde vieram a ser mais tarde detectadas novas concentrações (Enríquez Navascués e Mordillo Durán, 1982).

A montante, em Ciudad Real, recolheram-se igualmente indústrias mustierenses nas jazidas de La Atalaya (Santonja et al., 1977) e Porzuna (Vallespí et al., 1979), encontrando-se nesta última os utensílios considerados mustierenses associados a outros claramente mais antigos, classificados como acheulenses. Finalmente, já no Alto Guadiana, na província de Albacete, conhecem-se diversas jazidas com indústrias mustierenses nos Campos de Montiel (Santonja et al., 1977).

Mas se quando consideradas individualmente tais jazidas correspondem a colecções com distinta representatividade em termos quantitativos e o contexto geomorfológico a que é possível associá-las varie também significativamente, no seu conjunto estes diversos achados compartilham entre si a circunstância de todos eles provirem de jazidas de ar livre, terem resultado de recolhas de superfície e se encontrarem associados a contextos claramente secundários. Acresce que se trata de vestígios arqueológicos compostos apenas por indústrias líticas talhadas, resultantes do aproveitamento por vezes quase exclusivo do quartzite sob a forma de calhaus rolados, efectuando-se o aprovisionamento da matéria-prima aparentemente no próprio local onde as indústrias haviam sido recolhidas.

Estudos mais recentes sobre colecções com características e contextos no essencial similares tem, contudo, conduzido a uma análise mais ponderada do real significado de tais indústrias líticas. Mesmo privilegiando a abordagem tecnológica dos materiais líticos exumados, donde resulta evidente um claro predomínio das chamadas cadeias operatórias de debitagem, aliás com prevalência manifesta das estratégias de exploração Levallois e centrípeta, os autores neles envolvidos consideraram inviável qualquer avaliação mais precisa da classificação (Paleolítico?) e funcionalidade de tais vestígios, defendendo que “los yacimientos superficiales y sin contexto estratigráfico poseen fundamentalmente un valor testimonial: sirven básicamente para confirmar la presencia humana en una zona determinada” (Martín Blanco et al., 1994, p. 35).

3. Súpula dos trabalhos realizados

Perante a situação descrita poder-se-á melhor compreender a prioridade dada pela equipa responsável pelo Bloco 1 do Plano de Medidas de Minimização de Impactes sobre o Património Arqueológico do Empreendimento do Alqueva, promovido pela EDIA, em propiciar o adequado estudo da nova jazida, de forma a tentar determinar o preciso contexto geoarqueológico dos achados, a caracterização tecno-tipológica dos materiais líticos exumados e a sua adequada classificação.

Os trabalhos consistiram na realização de duas campanhas de escavação, separadas no tempo por razões de ordem burocrática e administrativa decorrente da dificuldade de financiamento de intervenções arqueológicas inicialmente não previstas.

Uma primeira campanha desenrolou-se imediatamente a seguir à descoberta da jazida, tendo-se prolongado por todo o mês de Janeiro de 2000. Com ela pretendeu-se basicamente aprofundar a leitura estratigráfica inicialmente realizada e, ao mesmo tempo, definir as condições de jazida dos materiais arqueológicos no interior da cascalheira em que se integravam. A direcção científica da escavação foi então assegurada por João Pedro Cunha-Ribeiro, com a colaboração da arqueóloga Ana Quelhas e a participação dos técnicos de arqueologia João Maurício e Pedro Souto e de Telmo Pereira, então aluno de arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Dos resultados obtidos emergiu a clara necessidade de prosseguir os trabalhos, para o que se procedeu a uma renegociação do projecto com a EDIA, de que veio a resultar a reunião dos meios necessários à concretização de uma segunda campanha de escavações entre Outubro e Novembro de 2000. Procurou-se então alargar a área inicialmente intervencionada com o intuito de observar o desenvolvimento da concentração de materiais arqueológicos, o mesmo sucedendo relativamente ao nível de ocupação mais antigo entretanto também aí identificado em conexão com uma cascalheira que localmente se sobrepõe ao substrato granítico, muito embora nesta última situação o objectivo da intervenção estivesse prioritariamente na reunião de uma amostragem mais representativa do espólio aí detectado, de forma a assegurar as condições mínimas para a sua caracterização e posterior classificação. A direcção dos trabalhos foi assegurada por João Pedro Cunha-Ribeiro em colaboração com Sara Cura, tendo-se contado com a colaboração dos arqueólogos Paulo Marques e Adelaide Costa Pinto e de Armanda Teixeira, Miguel Almeida e Pedro Cura.

3.1. A primeira campanha: Janeiro de 2000

Como já se referiu, logo após a descoberta da jazida, a primeira intervenção efectuada no local traduziu-se na abertura, com recurso a meios mecânicos, de uma vala com cerca de 30 m de comprimento e que alcançou pouco mais de três metros de profundidade, implantada no topo da plataforma segundo um eixo de orientação WNW/ESE, sensivelmente perpendicular ao leito do Guadiana. Pode-se, dessa forma, confirmar aquilo que os achados de superfície deixavam entender através de um melhor reconhecimento das condições geoarqueológicas da nova jazida, quer com uma primeira leitura estratigráfica dos depósitos geológicos aí representados, quer pela identificação de uma zona de relativa concentração de materiais líticos no interior da cascalheira. Verificou-se que os materiais líticos talhados se encontravam inseridos numa coluvião constituída por calhaus rolados de média e pequena dimensão, dispostos sem qualquer tipo de organização numa camada que raramente ultrapassava os vinte centímetros de espessura. Na zona mais elevada da plataforma a coluvião desenvolvia-se a mais de um metro e meio de profundidade entre duas camadas de areias relativamente finas que, aliás, integravam também a própria matriz da cascalheira.

A camada de areias finas inferior, com cerca de metade da espessura da camada superior similar, assentava aparentemente no substrato granítico local. Por outro lado, apesar de os vestígios arqueológicos localmente preservados se encontrarem dispersos por toda a área de expansão da coluvião, assinalava-se no corte da vala aberta uma zona de maior concentração de materiais, a qual não se afastava muito do centro da própria plataforma.

Para uma melhor caracterização do local e da indústria lítica aí presente decidiu-se então proceder à escavação em área de um pequeno sector da zona arqueologicamente mais rica, tendo-se, em consequência, procedido à remoção por meios mecânicos de uma ampla área adjacente à vala de sondagem. A superfície a intervir foi dividida por uma quadrícula métrica com cinco por três metros, identificada de ESE para WNW de G a K e de 30 a 32 de SSW para NNE. A escavação propriamente dita, porém, limitou-se exclusivamente às quadrículas G-K/30-31, as mais afastadas da vala de sondagem. Em G-K/32 não se ultrapassou a decapagem do topo da cascalheira, dado os recursos então disponíveis terem inviabilizado o prolongamento dos trabalhos.

Na área escavada a remoção da coluvião processou-se através da decapagem de níveis artificiais de 5 centímetros de espessura e com a coordenação tridimensional de todas as peças líticas talhadas. Para o efeito estabeleceu-se convencionalmente a direcção do x e do y e definiu-se a coordenada z em função de um ponto "0" que, mais tarde, se procurou ligar à rede geodésica nacional.

Dos resultados obtidos concluiu-se que a totalidade dos materiais exumados no decurso da escavação se dispersavam aleatoriamente por toda a espessura da coluvião, o mesmo sucedendo quando se considerava a sua distribuição pela área escavada, muito embora nesta última vertente não se pudesse negar a existência de uma concentração ligeiramente mais expressiva nas quadrículas situadas a poente.

Paralelamente à escavação procedeu-se à regularização e limpeza dos cortes da vala anexa, o que levou a identificar a presença de uma segunda cascalheira na base da camada inferior de areias finas, no contacto com o substrato granítico na extremidade poente da vala, na qual se recolheram igualmente algumas peças líticas talhadas.

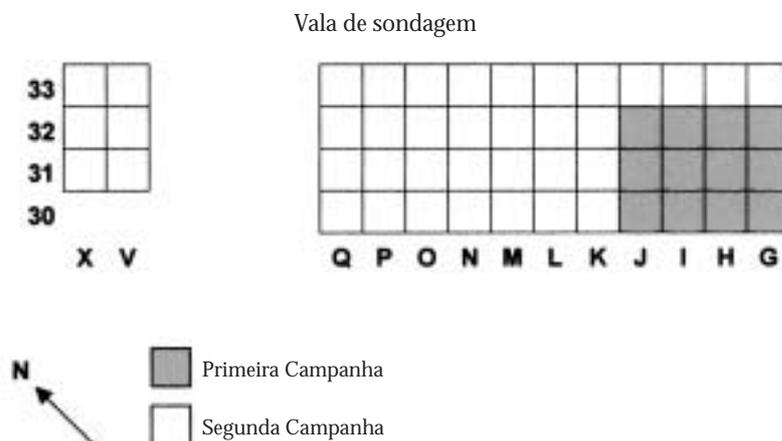


Fig. 3 Planta da área intervencionada na jazida de Sapateiros 2.

Desta forma foi possível identificar na estação arqueológica de Sapateiros 2 vestígios da presença em dois distintos momentos do homem paleolítico na região. Mas se relativamente à ocupação mais recente, que correspondia também aquela que primeiro tinha sido detectada, a relativa concentração dos respectivos vestígios arqueológicos era associável a uma colúvião cuja génese não parecia responsável por uma deslocação excessiva dos seus constituintes, a ocupação mais antiga surgia integrada num contexto geoarqueológico não só mais impreciso, como também conectado com condições pós-deposicionais aparentemente mais perturbadas, já que se tratava de uma cascalheira residual que tanto podia ser relacionada com uma colúvião anterior, como com a base de um antigo terraço do rio Guadiana.

3.2. A segunda campanha: Outubro e Novembro de 2000

Dando continuidade aos trabalhos da primeira campanha, esta nova intervenção arqueológica iniciou-se com a escavação das quadrículas G-K/32, onde anteriormente se havia apenas procedido à decapagem do topo da cascalheira correspondente ao nível arqueológico inicialmente identificado na jazida. Tendo em conta o contexto geoarqueológico a que os materiais arqueológicos se encontravam associados, a escavação traduziu-se agora na remoção de níveis artificiais com 10 cm de espessura, efectuando-se porém o registo dos materiais de acordo com os critérios já anteriormente adoptados.

Prolongou-se ainda a área de escavação para poente, removendo de novo por meios mecânicos as terras superficiais e implantando-se as quadrículas L-Q/30-32, na continuidade das quadrículas adjacentes já escavadas ou em escavação e adoptando para o efeito idênticos procedimentos metodológicos.

Paralelamente, abriu-se um novo sector de intervenção, designado como sector W/SW, por oposição ao sector E/SE, que abrangeria as anteriores áreas de escavação mencionadas. Com este novo sector, situado na extremidade poente da vala de sondagem, pretendeu-se essencialmente criar uma área de escavação que permitisse não só um reconhecimento das condições de jazida dos materiais detectados em associação com a cascalheira localmente identificada na base da sequência sedimentar da estação arqueológica, como também a recolha de um espólio quantitativamente significativo para permitir estabelecer a sua classificação.

Aproveitando a remoção de terras inicialmente efectuada com a abertura da vala de sondagem, implantou-se aí uma área de escavação que abrangia as quadrículas V-Z/32-33 e parte da quadrículas V-X/34, estas últimas adjacentes ao principal corte definido pela sondagem, de acordo com a quadro geral de referência originalmente definida no outro sector da escavação.

O desenrolar dos trabalhos foi todavia bastante condicionado pela precariedade das condições atmosféricas. A persistência da chuva obrigou mesmo à construção de artesanais estruturas de protecção das áreas em escavação, ainda que com resultados nem sempre totalmente conseguidos, impedindo por vezes o alagamento de determinados sectores a prossecução dos trabalhos aí encetados.

No sector E/SE esta situação levou a um desenvolvimento não totalmente concertado da decapagem das várias quadrículas que inicialmente se previra, tendo-se optado por preservar como testemunho a zona abrangida pelas quadrículas L30-33, onde apenas se decapou o topo do nível arqueológico. Concomitantemente, continuou-se a escavação das quadrículas M30-33 para além da remoção por decapagem do nível arqueológico, no intuito de se poder observar num corte transversal à vala de sondagem o respectivo contacto com a camada estratigráfica subjacente.

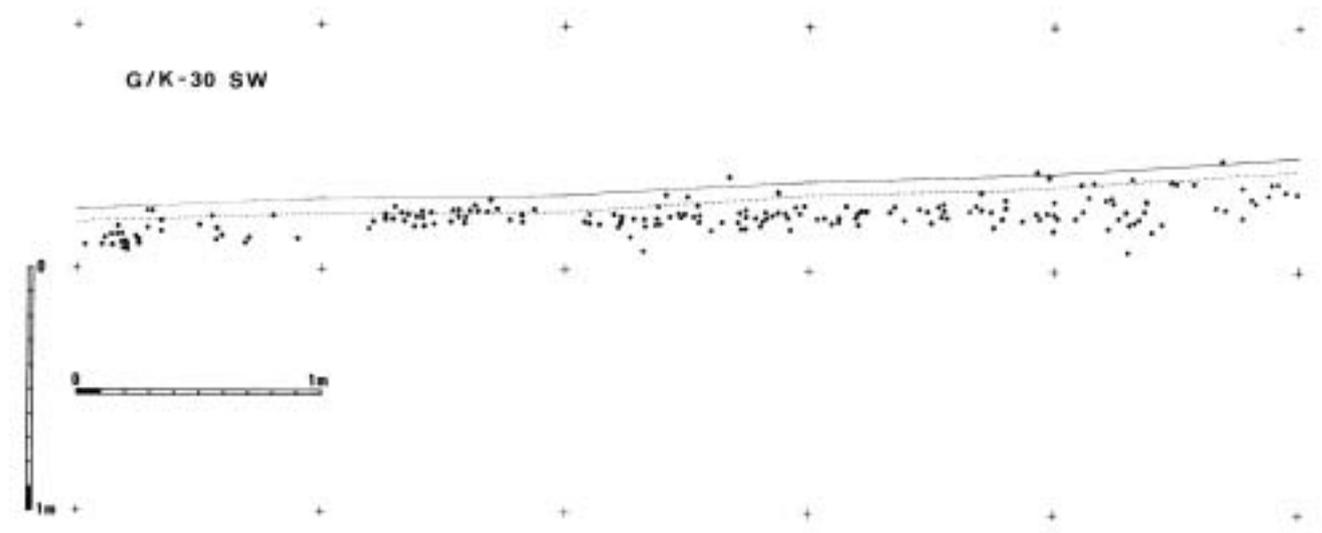


Fig. 4 Distribuição vertical cumulativa dos materiais exumados no nível arqueológico mais recente (camada 4).

No seu conjunto procedeu-se assim à escavação do nível arqueológico mais recente nas quadrículas G-K/32, L/30-32 e N-Q/30-32, num total de 20 m², a que se deverá acrescentar a área escavada nas banquetas correspondentes às quadrículas G-L/33 e N-Q/33, seccionadas que foram pela abertura da vala de sondagem original. Tais trabalhos permitiram observar a manifesta irregularidade do topo e da base da cascalheira em que se integrava o nível arqueológico em questão, situação essa aliás reforçada quando se registava também a variabilidade da sua espessura. O próprio desenvolvimento da cascalheira estava longe de se poder considerar contínuo, rareando num ou noutro sector a presença dos calhaus rolados, para noutros eles se concentrarem, sem que no seu conjunto se percepcionasse qualquer tipo de estruturação, indiciando claramente a sua génese coluvionar. No mesmo sentido aponta a análise da distribuição em extensão e na vertical dos vestígios arqueológicos recolhidos, pois em ambas as situações ela se revelava claramente aleatória, o que também ocorre quando se considera tal distribuição em função do estado físico dos materiais envolvidos, correspondentes na sua totalidade a objectos líticos talhados, ou das categorias classificativas por que se repartem, sejam elas morfo-tipológicas e/ou tecnológicas.

Quanto à escavação no sector W/SW, ela incidiu, como se viu, numa área pouco superior a 6 m², tendo começado com a cuidadosa decapagem do topo da cascalheira residual que localmente se sobrepunha ao substrato granítico. Tratava-se já de uma zona próxima da periferia da plataforma onde se situava a jazida, aflorando sugestivamente o substrato granítico a uma profundidade bem menor e não se vislumbrando também vestígios da formação coluvionar posterior. Foi igualmente possível verificar de imediato a presença de uma forte concentração de carbonatos a colmatar parcialmente o topo da cascalheira, que, com a sua acentuada irregularidade, acompanhava a acidentada topografia do substrato devido à diminuta espessura do depósito. De sublinhar também a relativa descontinuidade evidenciada por esta cascalheira.

As circunstâncias descritas permitiram contudo adoptar na escavação deste sector a metodologia já anteriormente utilizada, tendo-se procedido da mesma forma ao registo da posição tridimensional de cada uma das peças líticas talhadas aí exumadas, num total de pouco mais de uma centena de objectos recolhidos.

4. A estratigrafia da jazida: primeiras impressões

A estratigrafia do local encontra-se em estudo por uma equipa da Universidade do Minho dirigida por José Meireles Batista, no quadro aliás de um projecto mais amplo que visa o estudo da evolução geomorfológica da região no decurso do Quaternário. Limitamo-nos pois a publicar um primeiro levantamento que realizámos do corte aberto pela vala de sondagem no decurso da escavação, bem como a sumária descrição da respectiva estratigrafia, esperando que a finalização dos trabalhos possa contribuir para um melhor conhecimento dos vários depósitos aí representados, da sua génese, do seu significado à escala regional e das condições pós-deposicionais que afectaram os materiais arqueológicos a eles associados.

Relativamente ao corte referido, resumimos assim a descrição das suas principais características:

Camada 1 – Substrato granítico frequentemente alterado, denotando nas zonas onde a sua superfície se encontra melhor preservada uma superfície de contacto bastante irregular.

Camada 2 – Cascalheira heterométrica residualmente preservada sobre a superfície irregular do substrato, evidenciando areias similares às da camada subjacente como matriz. No seu interior recolheram-se alguns quartzitos talhados. Esta camada e a camada 1 são apenas observáveis na extremidade poente da vala de sondagem.

Camada 3 – Camada constituída por finas areias fluviais, essencialmente quartzíticas, integrando pontualmente alguns leitos de calhaus de dimensão bastante reduzida, provavelmente associáveis à ocorrência pontual de uma sedimentação mais competente. Da observação desta camada e dos seus constituintes não foi possível concluir se a sua génese é associável ao desenvolvimento de um fenómeno de coluvionamento ou a uma fase de sedimentação fluvial. No topo desta camada assinalou-se a presença de um solo antigo truncado, entremeado por uma assinalável concentração de manganésio.

Camada 4 – Cascalheira heterométrica, sub-horizontal e com uma espessura que não ultrapassa em geral mais de 20 cm, não evidenciando os seus constituintes qualquer tipo de disposição sedimentar que permita associar a sua génese à acção do vizinho Guadiana. Trata-se antes de uma coluvião na qual se integra uma abundante indústria lítica de quartzito. Por outro lado, também aqui, à semelhança da camada 2, a matriz da cascalheira não se distingue das areias quartzíticas que integram a camada imediatamente inferior e a que se lhe sobrepõe.

Camada 5 – Camada de areias finas, similar à camada 3, embora mais espessa e integrando amiúde níveis carbonatados dispostos horizontalmente ou de forma subvertical, acompanhando neste último caso as fissuras abertas pelas raízes. Evidencia também um solo bastante desenvolvido, responsável pela forte coloração avermelhada do seu topo.

Camada 6 – Camada superficial areno-argilosa, com uma espessura homogénea ao longo do corte da vala de sondagem, rica em raízes e em partículas dispersas de carbonatação.

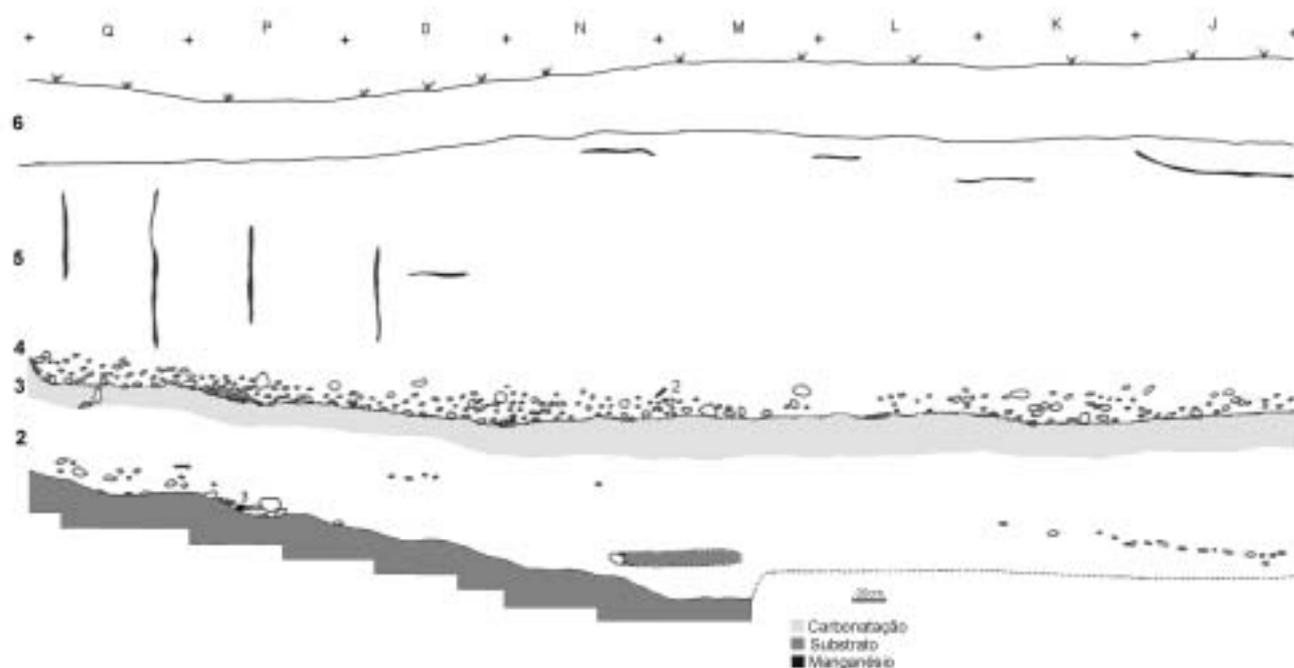


Fig. 5 Corte estratigráfico.

5. Espólio arqueológico³

Dado que as características sedimentológicas dos depósitos identificados nos Sapateiros 2 não permitem a conservação de vestígios orgânicos, o espólio arqueológico é constituído exclusivamente por materiais líticos.

5.1. Camada 4

Na sequência dos trabalhos de escavação foram recolhidas 1065 peças. Devido às condições atmosféricas e ao carácter de urgência da intervenção não foi feita uma selecção rigorosa dos materiais que efectivamente resultavam de uma alteração intencional por parte do homem pré-histórico. Após uma atenta triagem feita com vista ao estudo do conjunto lítico foram eliminados cerca de uma centena e meia de elementos.

5.1.1. Características gerais

Ao nível das matérias-primas utilizadas na camada 4 é manifesta a preferência dada ao quartzito (83,8%), surgindo o quartzo em quantidade bem menor (14,3%) e as restantes matérias-primas limitadas a quantitativos diminutos (1,7%). Nesta categoria incluem-se matérias-primas de qualidade bem diversa, entre as quais se conta o próprio xisto, mas que pela sua pouca expressividade numérica optamos por agrupar nas denominadas “outras matérias-primas”.

Da distribuição das peças de quartzito em categorias granulométricas⁴ resulta evidente o predomínio da utilização de quartzitos finos (70%), face aos médios (27,5%) e grosseiros (2,5%). Este

predomínio do quartzito fino pode sugerir uma preferência no aprovisionamento de matéria-prima. Seriam recolhidos prioritariamente os seixos rolados de qualidade mais homogênea e com propriedades isotrópicas que facilitam as operações de talhe.

Quadro 1. Correlação entre matérias-primas e o respectivo grau de alteração.

Alteração	MATÉRIAS-PRIMAS											
	Quartzito fino		Quartzito médio		Quartzito grosseiro		Quartzito		Outros		Totais	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%
Baixa	466	88,2	165	77,9	10	52,6	117	90	14	87,6	772	85,3
Média	51	9,6	36	16,9	8	42,2	11	8,4	1	6,2	107	11,8
Alta	11	2,2	11	5,2	1	5,2	2	1,5	1	6,2	26	2,8
Totais	528	58,3	212	23,4	19	2	130	14,3	16	1,7	905	100

Na correlação entre matérias-primas e o respectivo grau de alteração é manifesta a prevalência dos materiais que não apresentam vestígios de desgaste, com arestas bem definidas e margens cortantes (85,3%).

Quadro 2. Inventário geral da indústria lítica.

Categorias tecno-tipológicas	MATÉRIAS-PRIMAS						Totais	
	Quartzito		Quartzito		Outras		N.º	%
	N.º	%	N.º	%	N.º	%		
Núcleos	125	16,4	12	9	4	30,7	141	15,5
Lascas	388	51,4	50	37,5	6	46,4	444	49
Lascas retocadas	60	7,9	5	3,7			65	7,1
Utensílios diversos	14	1,8	1	0,7			15	1,6
Utensílios configurados	18	2,3	2	1,5			20	2,2
Esquirolas	87	11,4	47	35,3	3		137	15,1
Debris e fragmentos	67	8,8	16	12,3		23	83	9,1
Totais	759	100	133	100	13	100	905	100

No inventário geral da indústria lítica recolhida destaca-se a elevada presença de lascas (56%), a maior parte das quais não retocadas, complementada por um significativo número de núcleos (15,1%) e de subprodutos de talhe (esquirolas, *debris* e fragmentos) (24,2%). Desta forma é evidente o predomínio da debitage, já que os produtos que lhe são associados perfazem cerca de 95% dos materiais líticos recolhidos. A própria utensilagem configurada limita-se a 2,2%, predominando entre ela os chamados seixos talhados. A este diminuto conjunto acresce o dos utensílios diversos, numericamente ainda menos expressivo (1,6%).

5.1.2. Debitagem

No âmbito deste estudo preliminar inventariaram-se 141 núcleos, que no seu conjunto correspondem a 15,5% da totalidade dos materiais líticos exumados nos Sapateiros 2. Destes 141, só 111 reuniram condições para serem analisados, já que os restantes apresentavam fracturas ou evidenciavam um grau de exaustão que dificultava uma clara leitura tecnológica. Em todo o caso, comparando estes números com o das 509 lascas identificadas, a relação é de cerca de 1 para 3.

Quadro 3. Distribuição dos núcleos de acordo com os dados coligidos no âmbito de um estudo tecnológico da indústria lítica, em preparação por um dos autores (Sara Cura).

<i>Categorias tecno-tipológicas</i>	MATÉRIAS-PRIMAS						
	Quartzito			Quartzo	Outras	Totais	
	a	b	c			N.º	%
<i>Seixo testado</i>	3	7	1			11	9,9
<i>Seixo talhado unifacial (2/3 levantamentos)</i>	7	8	2	1	1	19	17,1
<i>Núcleo parcial</i>	5	5		1		11	9,9
<i>Seixo talhado unifacial (>4 levantamentos)</i>	4	4		1		9	8,1
<i>Núcleo de debitage unifacial convergente</i>	1	2				3	2,7
<i>Núcleo com superfícies de debitage secantes</i>	3	1		1	1	6	5,4
<i>Núcleo com várias superfícies de debitage não organizadas</i>	4	4			2	10	9
<i>Núcleo Paralelipédico</i>	1	2				3	2,7
<i>Núcleo de debitage unifacial convergente</i>	2	2				4	3,6
<i>Núcleo discóide unifacial</i>	2					2	1,8
<i>Núcleo de debitage unifacial convergente</i>	3			1		4	3,6
<i>Núcleo discóide unifacial</i>	15	1		3	1	19	18
<i>Núcleo discóide bifacial parcial</i>	5			2		7	6,4
<i>Núcleos esgotados</i>	3					3	1,8
<i>Totais</i>						111	100%

Relativamente às matérias-primas, o quartzito é de longe predominante, evidenciando uma marcada preferência pelos de granulometria fina (51,3%). Os suportes dos núcleos são quase exclusivamente constituídos por seixos rolados. Apesar de em cerca de 29% destes casos o avançado estado de exploração dos núcleos não permitir determinar a morfologia do respectivo seixo suporte, os restantes dividem-se equitativamente entre formas sub-regulars e irregulares, de resto os mais abundantes nos leitos mais grosseiros do Guadiana. Curiosamente, quando comparados com os seixos arredondados e globulosos que constituem a morfologia menos utilizada, estes seixos rolados irregulares e sub-regulars apresentam uma granulometria mais fina.

Quadro 4. Relação entre os núcleos e a respectiva morfologia do suporte.

<i>Categorias tecno-tipológicas</i>	MORFOLOGIA DO SUPORTE						
	Sx.	Sx.	Sx.	Sx.	Lasca	Ind.	
	Oblongo	Irregular	Sub-regular	Globuloso			
<i>Seixo testado</i>		4	5	2			
<i>Seixo talhado unifacial (2/3 levantamentos)</i>	7	7	4	1			
<i>Núcleo parcial</i>		5	6				
<i>Seixo talhado unifacial (>4 levantamentos)</i>		2	5	2			
<i>Núcleo de debitage unifacial convergente</i>	1		1	1			
<i>Núcleo com superfícies de debitage secantes</i>	2	1				3	
<i>Núcleo com várias superfícies de debitage não organizadas</i>		3	1	3		3	
<i>Núcleo paralelipédico</i>			1	2			
<i>Núcleo de debitage unifacial convergente</i>	1		1	1			
<i>Núcleo discóide unifacial</i>							
<i>Núcleo de debitage unifacial convergente</i>						4	
<i>Núcleo discóide unifacial</i>					1	18	
<i>Núcleo discóide bifacial parcial</i>						7	
<i>Núcleos esgotados</i>						3	
<i>Totais</i>	N.º	11	22	24	14	2	39
	%	9,9	19,8	21,6	12,6	1,8	35,1

Dum ponto de vista morfológico os núcleos estudados evidenciam uma considerável diversidade. Embora as especificidades tecnológicas que lhe estão subjacentes ultrapassem o presente estudo, esta diversidade pode ser consequência de múltiplas escolhas técnicas no talhe dos seixos rolados, no âmbito de um campo conceptual de debitage eventualmente discóide.

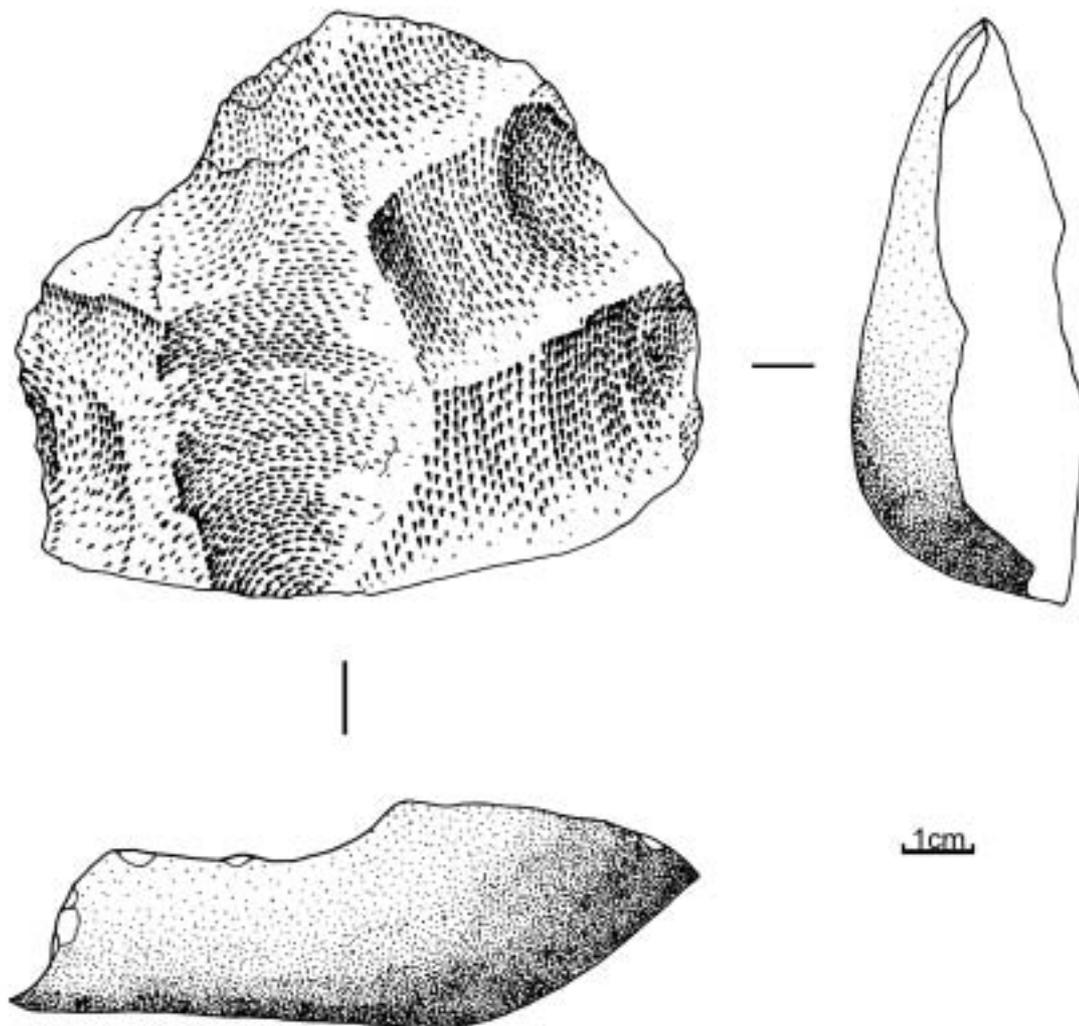


Fig. 6 Núcleo discóide unifacial.

5.1.3. Produtos de debitage

No total inventariaram-se 509 lascas, representando 56% do conjunto dos materiais arqueológicos recolhidos. À semelhança dos núcleos a matéria-prima mais representada é o quartzito (90,3%), seguindo-se a grande distância o quartzo (8,3%), enquanto as restantes matérias-primas apresentam quantitativos muito baixos (1,4%).

Quadro 5. Distribuição das lascas em função da matéria-prima e da sua alteração física.

Matéria-prima	ALTERAÇÃO FÍSICA							
	Baixa		Média		Alta		Total	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%
<i>Quartzito fino</i>	259	61,6	19	4,5	8	1,9	286	68,3
<i>Quartzito médio</i>	70	16,6	15	3,5	1	0,2	86	20,4
<i>Quartzito grosseiro</i>	3	3,7	3	0,7	1	0,2	7	1,6
<i>Quartzito opaco</i>	28	6,6	1	0,2			29	6,9
<i>Quartzito hialino</i>	6	1,4					6	1,4
<i>Outro</i>	4	0,9	1	0,2	1		6	1,4
Total	370	88,2	39	9,2	11	2,6	420	100

No que diz respeito ao seu estado físico a maioria das lascas apresenta uma alteração baixa (88,2%). De facto só 2,6% da totalidade apresenta alterações ao ponto de impossibilitar uma clara observação dos seus atributos morfo-técnicos. Ficaram, pelas mesmas razões, excluídos deste estudo 92 fragmentos de lasca. Entre as 420 peças analisadas não se registaram peças cujo aproveitamento como suporte de determinados utensílios fosse obstáculo à sua integração num sistema de observação preliminar.

Quadro 6. Distribuição da totalidade das lascas estudadas pelas categorias morfo-tecnológicas de observação preliminar.

Categorias tecno-tipológicas	Talão cortical		Talão não cortical		Totais	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%
<i>Lasca cortical</i>	68	25,6	16	10,3	84	20
<i>Lasca cortical (>75% de córtex)</i>	12	4,5	5	3,2	17	4,3
<i>Lasca semi-cortical (50%<=75%)</i>	21	7,8	15	10	31	7,3
<i>Lasca semi-cortical (25%<=50%)</i>	31	10,6	13	8,3	44	10,4
<i>Lasca semi-cortical (<25%)</i>	61	22,9	35	22,4	96	22,8
<i>Lasca não-cortical (só talão)</i>	72	28,6			72	17,1
<i>Lasca não-cortical</i>			71	45,8	71	16,9
Totais	265	63,1	155	36,9	420	100

No conjunto analisado destaca-se a elevada proporção de lascas corticais, incluindo nestas as que evidenciam uma presença de córtex na superfície dorsal superior a 75%, face àquelas que registam uma presença de córtex entre os 25% e os 75%. Verifica-se também a supremacia dos talões corticais sobre os não corticais, situação que certamente decorre da preferência pelas superfícies corticais dos seixos rolados como plataforma de percussão.

No que se refere à orientação dos levantamentos anteriores à extracção das lascas, denota-se o predomínio das lascas em que tais levantamentos se dispõem de forma longitudinal unipolar, seguidas com alguma distância pelas lascas com levantamentos centrípetas. Esta situação deverá estar relacionada com a fase inicial de uma ou várias estratégias de debitage que se desenvolvem tirando o máximo partido das características volumétricas e petrográficas dos seixos rolados.



Fig. 7 Lascas não corticais (só o talão em córtex).

Quadro 7. Repartição da orientação dos levantamentos anteriores.

	<i>Unidireccional unipolar</i>	<i>Unidireccional bipolar</i>	<i>Cruzados</i>	<i>Convergentes</i>	<i>Centrípetos</i>	<i>Indeterminável</i>	<i>Total de lascas estudadas</i>
N.º	100	37	15	34	61	2	249
%	40	14,8	6	14	24,4	0,8	100



Fig. 8 Lasca sem córtex.

5.1.4. Utensílios

Entre os materiais exumados na camada 4 inventariaram-se 98 utensílios convencionais⁵, o que constitui 10,8% do total de peças estudadas. Tal como os núcleos e lascas, estes utensílios são na sua esmagadora maioria em quartzito, apresentando-se também na sua maioria bastante frescos.

Quadro 8. Inventário geral dos utensílios exumados na camada 4.

<i>Utensílios</i>		MATÉRIA-PRIMA		<i>Totais</i>
		<i>Quartzito</i>	<i>Quartzo</i>	
<i>Sobre seixo</i>	<i>Seixos talhados</i>	11	1	12
	<i>Seixos retocados</i>	2	1	3
	<i>Peça bifacial</i>	2		2
	<i>Pico triedro</i>	1		1
<i>Sobre lasca</i>	<i>Raspador</i>	13	3	16
	<i>Entalhe</i>	25	2	34
	<i>Denticulado</i>	8		2
	<i>Ponta pseudo levallois</i>	5		3
	<i>Lasca retocada</i>	8		8
	<i>Uniface</i>	1		1
	<i>Biface</i>	1		2
	<i>Diversos</i>			
	<i>Fragmento retocado</i>	7	1	8
	<i>Entalhe sobre fragmento</i>	3		3
	<i>Núcleo retocado</i>	4		4
	<i>Totais</i>	90	8	98

Dum ponto de vista morfo-tipológico, a observação da distribuição destes utensílios pelas categorias consideradas neste estudo evidencia uma superioridade quantitativa dos utensílios sobre lasca (66) em relação aos restantes suportes (18 sobre seixo, 14 sobre fragmentos e 1 sobre núcleo). Tal circunstância é natural num

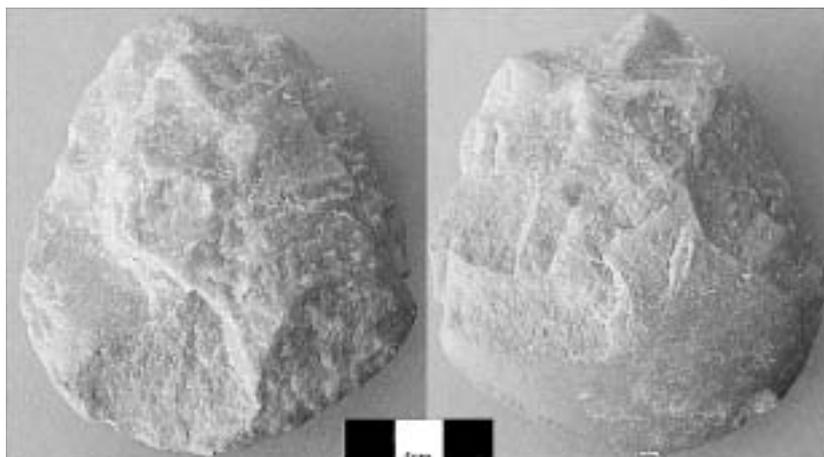


Fig. 9 Biface.

conjunto lítico cujos objectivos técnicos principais são a produção de lascas, ainda que não deixe de ser curioso que entre as 509 lascas identificadas só 66 tenham sido transformadas em utensílios convencionais. Acresce a esta situação o facto de entre estes serem predominantes os entalhes, o que poderá sugerir uma preferência pela utilização de suportes em bruto.⁶ Ainda entre os utensílios sobre lasca sublinha-se a presença de um biface e de um uniface. O primeiro artefacto corresponde a uma peça bifacial elaborada muito provavelmente a partir de uma lasca de descortica-

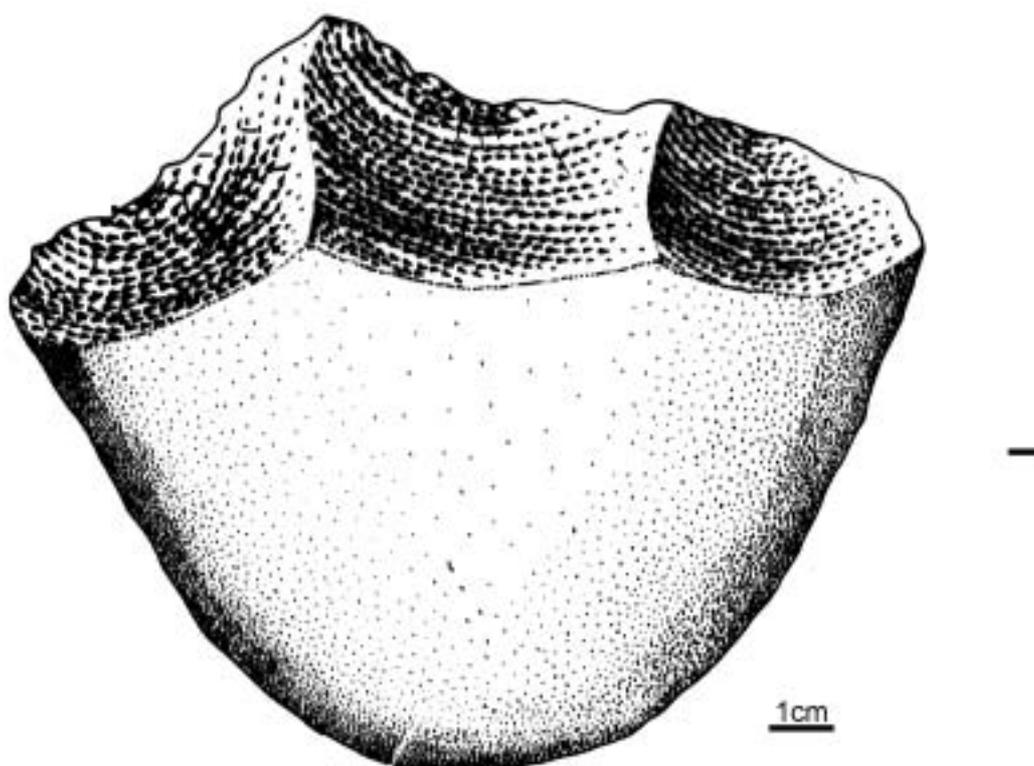


Fig. 10 Seixo talhado ou Chopper.

gem de quartzito, muito embora os estigmas de talhe em que se alicerça esta suposição sejam manifestamente ténues. Em contraponto à placa cortical conservada numa das faces, surge no reverso uma superfície que pela sua convexidade e posicionamento permite vislumbrar o testemunho da original face de lascamento do suporte.

A peça em questão apresenta-se, porém, definida por amplos levantamentos bifaciais e de orientação centrípeta, frequentemente marcados por ressaltos, tornando a ausência de qualquer tipo de retoque ao longo dos bordos plausível a sua associação aos núcleos de tipo centrípeta. A equilibrada silhueta do objecto, o seu perfil longitudinal biconvexo e também algo irregular, a que se adiciona o desenvolvimento sequencial do talhe das suas duas faces, são porém elementos de análise que nos levam a associá-la ao grupo dos bifaces e a classificá-la como correspondendo a um biface amigdalóide curto típico, muito próximo, contudo, da silhueta do grupo dos bifaces ovulares, discóides ou limandes.

Do conjunto de utensílios configurados sobre seixo destacam-se, por último, os seixos talhados ou *choppers*, cujas pequenas dimensões e morfologia particular do gume parecem evidenciar uma preferência que estará associada a uma funcionalidade específica.

5.2. Camada 2

Como já referimos, a escavação desta camada circunscreveu-se a 5 m², reflectindo-se, tal circunstância, na quantidade de material recolhido, cerca de centena e meia de peças (após uma triagem que eliminou 37 elementos). Todavia, esta impressão de poucos materiais é ilusória se tivermos em consideração que a média de peças por m² é de 31, enquanto que na camada 4 é de 24.

5.2.1. Características gerais

Tal como na camada 4, o quartzito é de longe a matéria-prima mais utilizada (82,3%), com evidente preferência para os de grão mais finos (42,3%), estando as outras matérias-primas limitadas a quantitativos bem inferiores (17,7%). Já o quadro de correlação entre matérias-primas e respectivo grau de alteração física demonstra que, apesar de a maioria dos materiais se apresentarem frescos, a proporção entre estes e os de alteração média e alta não é tão grande.

Quadro 9. Correlação entre matérias-primas e o respectivo grau de alteração.

Alteração física	MATÉRIAS-PRIMAS											
	Quartzito fino		Quartzito médio		Quartzito grosseiro		Quartzito		Outros		Totais	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%
Baixa	43	27,5	26	16,5	7	4,4	14	8,9	2	1,3	90	58,6
Média	19	12,3	20	12,7	7	4,4	7	4,4	1	0,6	54	34,3
Alta	4	2,5	3	1,9	1	0,6	2	1,3	1	0,6	11	7,1
Totais	66	42,3	49	31,1	15	9,5	23	14,6	4	2,5	157	100

Um paralelo pode voltar a ser estabelecido no que diz respeito às várias categorias tecno-tipo-lógicas. De facto, nesta camada as lascas são de longe o elemento dominante (49%), seguidas pelos núcleos (21%). Assim, também neste conjunto, apesar das limitações da área escavada, a debitagem parece constituir o principal objectivo técnico.

Quadro 10. Inventário geral da indústria lítica exumada na camada 2.

<i>Categorias tecno-tipológicas</i>	MATÉRIAS-PRIMAS					
	<i>Quartzito</i>		<i>Quartzo</i>		<i>Totais</i>	
	<i>N.º</i>	<i>%</i>	<i>N.º</i>	<i>%</i>	<i>N.º</i>	<i>%</i>
<i>Núcleos</i>	30	19,1	3	1,9	33	21
<i>Lascas</i>	46	29,2	9	5,7	55	34,9
<i>Lascas retocadas</i>	22	14,1			22	14,1
<i>Utensílios diversos</i>	2	1,3			2	1,3
<i>Utensílios configurados</i>	2	1,3			2	1,3
<i>Esquirolas</i>	4	2,5			4	2,5
<i>Debris e fragmentos</i>	29	18,5	10	6,4	39	24,9
<i>Totais</i>	135	85,9	22	14,1	157	100

5.2.2. Debitagem

Foram identificados 26 núcleos, o que no seu conjunto perfaz 21% da totalidade das peças recolhidas nesta camada. De acordo com a observação do quadro anexo não se regista uma acentuada diversidade de formas nucleares. Mas se tal pode ser imputável à reduzida área escavada e a uma consequente amostra com lacunas, não podemos, todavia, excluir a hipótese de estarmos perante esquemas de debitagem menos versáteis e flexíveis.

Quadro 11. Distribuição dos núcleos de acordo com os dados coligidos no âmbito de um estudo tecnológico da indústria lítica, em preparação por um dos autores (Sara Cura).

<i>Categorias tecno-tipológicas</i>	<i>Quartzito</i>	<i>Quartzo</i>	<i>Totais</i>	
			<i>N.º</i>	<i>%</i>
<i>Seixo testado</i>	5		5	23
<i>Núcleo parcial</i>	2		2	8
<i>Seixo talhado (2/3 levantamentos)</i>	5		5	23
<i>Seixo talhado unifacial (>4 levantamentos)</i>	5		5	23
<i>Núcleo com várias superfícies de debitagem secantes</i>	3		3	12
<i>Núcleo discóide unifacial</i>	3		3	12
		2	2	8
<i>Totais</i>	23	2	25	100

No que diz respeito à morfometria dos seixos suporte, não parece existir qualquer preferência ou selecção com base na sua escolha. Não se podem, contudo, avançar grandes hipóteses acerca de tais atributos. Ao contrário da camada 4, a amostra disponível não permite aqui estabelecer relações entre a qualidade da matéria-prima e as suas características morfométricas.

Quadro 12. Relação entre os núcleos e a respectiva morfologia do suporte.

<i>Categorias tecno-tipológicas</i>	MORFOLOGIA DO SUPORTE					
	<i>Sx.</i>	<i>Sx.</i>	<i>Sx.</i>	<i>Sx.</i>	<i>Lasca</i>	<i>Ind.</i>
	<i>Oblongo</i>	<i>Irregular</i>	<i>Sub-regular</i>	<i>Globuloso</i>		
<i>Seixo testado</i>	2	2	1			
<i>Núcleo parcial</i>	1					
<i>Seixo talhado unifacial (2/3 levantamentos)</i>	3	2	1			
<i>Seixo talhado unifacial (>4 levantamentos)</i>		1	4			

Quadro 12. Relação entre os núcleos e a respectiva morfologia do suporte [cont.].						
Categorias tecno-tipológicas	MORFOLOGIA DO SUPORTE					
	Sx. <i>oblongo</i>	Sx. <i>Irregular</i>	Sx. <i>Sub-regular</i>	Sx. <i>Globuloso</i>	Lasca	Ind.
Núcleo com superfícies de debitage secantes		1		2		
Núcleo discóide unifacial					2	1
Núcleo esgotado						2
Totais	N.º	6	6	6	2	3
	%	24	24	24	8	12



Fig. 11 Núcleo discóide unifacial sobre lasca.

5.2.3. Produtos de debitage

Nesta camada foram recolhidas 64 lascas que representam 49% da totalidade da colecção exumada. A supremacia do quartzito sobre as restantes matérias-primas é por demais evidente, tal como o bom estado de conservação dos materiais.

Quadro 13. Correlação entre matérias-primas e o respectivo grau de alteração.								
Matéria-prima	ALTERAÇÃO FÍSICA							
	Baixa		Média		Alta		Totais	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%
Quartzito fino	18	28,1	9	14	3	4,6	30	46,8
Quartzito médio	11	17,1	9	14	1	1,5	21	32,8
Quartzito grosseiro	4	6,5	1	1,5			5	7,8
Quartzito	6	9,3	2	3,1			8	12,5
Totais	39	61	21	32,6	4	6,1	64	100

No quadro do estudo preliminar destas peças destacam-se as lascas não corticais ou apresentando uma estreita superfície dorsal cortical. Surgem, todavia, também aqui em quantidades

consideráveis as lascas corticais. Entre as lascas estudadas a orientação dominante dos levantamentos anteriores à sua extracção é longitudinal unipolar, apresentando as outras orientações representações pouco expressivas.

Quadro 14. Distribuição da totalidade das lascas estudadas pelas categorias morfo-tecnológicas de observação preliminar.

Categorias tecnológicas	Talão cortical		Talão não cortical		Totais	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%
<i>Lasca cortical</i>	10	15,6	5	7,8	15	23,4
<i>Lasca cortical (>75% de córtex)</i>	5	7,8			5	7,8
<i>Lasca semi-cortical (50%<>75%)</i>	2	3,1	1	1,5	3	4,6
<i>Lasca semi-cortical (25%<>50%)</i>	5	7,8	1	1,5	6	9,3
<i>Lasca semi-cortical (<25%)</i>	16	25			16	25
<i>Lasca não-cortical (só talão)</i>	9	14			9	14
<i>Lasca não-cortical</i>			10	15,6	10	15,6
<i>Totais</i>	47	73,3	17	26,4	64	100

De salientar que também nesta camada se verifica o predomínio dos talões corticais sobre os não corticais, o que certamente decorre de opções técnicas recorrentes no talhe de seixos de quartzito.

5.2.4. Utensílios

Nesta camada os utensílios convencionais identificados representam cerca de 16% da totalidade das peças recolhidas. Os utensílios sobre lasca são os mais representados e entre estes destacam-se os entalhes (Fig. 12).

Quadro 15. Inventário geral dos utensílios exumados na camada 2.

Utensílios convencionais		N.º
Sobre seixo	<i>Seixo talhado</i>	1
	<i>Biface</i>	1
Sobre lasca	<i>Lasca retocada</i>	6
	<i>Entalhe</i>	10
	<i>Denticulado</i>	4
	<i>Raspador</i>	2
Diversos	<i>Núcleo retocado</i>	1
	<i>Fragmento retocado</i>	1
Total		26

De todo o conjunto destaca-se um biface em quartzito (Fig. 13), elaborado a partir de uma lasca de descorticação com talão cortical. Trata-se de um artefacto que evidencia uma morfologia globalmente equilibrada, embora com uma silhueta algo assimétrica e um perfil longitudinal biconvexo igualmente assimétrico, determinado neste último caso pela morfologia do suporte. A sua configuração resultou do desenvolvimento alternado de levantamentos invasores ao longo do bordo direito de cada uma das faces, enquanto no respectivo bordo esquerdo de ambas a definição dos respectivos bordos se limita à sua metade distal, através de levantamentos com uma incidência bem mais marginal. Na zona proximal do bordo esquerdo da face superior conserva-se a presença do córtex original, o que permite a definição de um gume unifacial, situação essa similar à que se regista na face oposta, onde o córtex é substituído pela preservação parcial da face de lascamento do suporte.

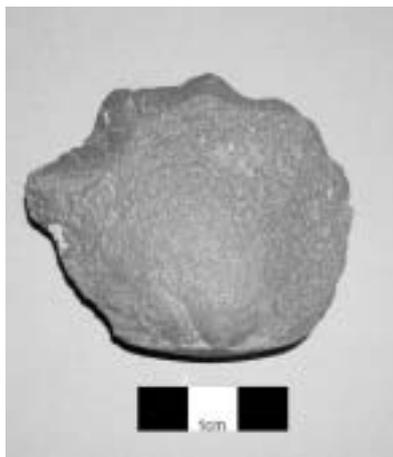


Fig. 12 Denticulado.

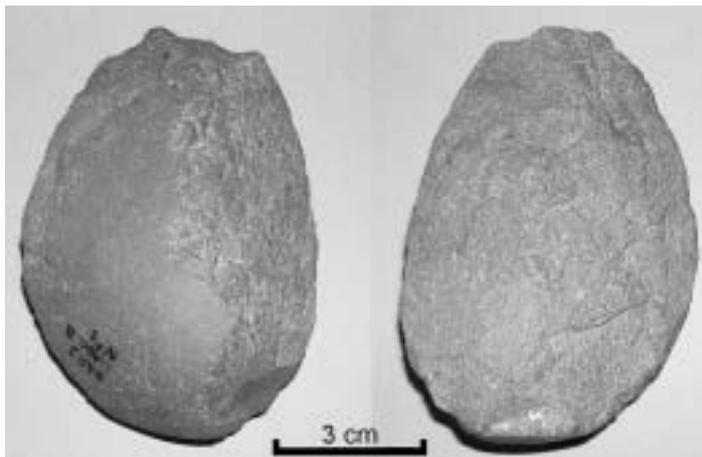


Fig. 13 Biface.

A obliquidade dos levantamentos da face superior contrasta com o maior aplanamento que eles evidenciam no reverso, ainda que em ambos os casos muitas das extracções se apresentem marcadas por ressaltos. A regularidade dos bordos é, porém, determinada por um retoque quase contínuo e frequentemente bifacial, responsável em boa parte pelo perfil rectilíneo que ambos revelam.

Dai resultou a definição de uma peça de contorno ovalar, complementada por uma extremidade distal arredondada, mas parcialmente fracturada, que se contrapõe a uma base espessa e não cortante, onde se conserva o talão da lasca suporte. Trata-se, sem dúvida, de um artefacto com uma apurada configuração, que de acordo com os tradicionais parâmetros morfo-tipológicos definidos por F. Bordes para o Paleolítico Inferior e Médio se poderia classificar como um biface espesso ovalar com talão.

6. Balanço preliminar dos trabalhos realizados

A associação da indústria lítica exumada na camada 4 e da indústria lítica proveniente da camada 2 a dois distintos momentos da ocupação do local pelo homem paleolítico é por demais evidente, ainda que entre ambas não existam em termos morfo-tipológicos e tecnológicos elementos indicadores dessa separação. Mesmo em termos dimensionais, a presença de algumas peças de maior volumetria entre a indústria mais antiga não só não se reflecte numa comparação estatística de tais variáveis entre as duas jazidas, como pode ser imputável às distintas condições de formação das camadas em que estão integradas.

Não obstante estas limitações, os conditionalismos decorrentes do contexto geoarqueológico a que está associada e a ausência de dados cronométricos fiáveis, a jazida paleolítica de Sapateiros 2 afigura-se de incontornável importância para um melhor conhecimento da presença do homem do Paleolítico Médio no Sudoeste peninsular e na bacia do Médio e Baixo Guadiana em particular. O principal conjunto artefactual que lhe está associado indicia, aliás, um sistema de produção de materiais líticos baseado na debitage e estruturado no aproveitamento do quartzito sob a forma de seixos rolados, amplamente disponíveis a nível local, evidenciando um conjunto de características peculiares que um estudo tecnológico mais aprofundado irá certamente relevar.

Testemunhando ou não tal realidade eventuais constrangimentos de âmbito local, entre as quais podemos até discernir, por exemplo, os decorrentes das matérias-primas aí disponíveis, uma

deliberada estratégia de aproveitamento de determinados tipos de recursos e/ou o desenvolvimento de actividades particulares, o certo é que ela não deixará de permitir eventuais comparações com realidades arqueológicas correlativas na fachada atlântica peninsular, onde infelizmente abundam os palimpsestos e, até há bem pouco tempo eram raros, as jazidas escavadas de acordo com os padrões de exigência hoje em dia correntes.

Só assim poderemos almejar a um conhecimento mais preciso das estratégias de adaptação e das transformações que afectaram os primeiros habitantes do nosso território após o final do Paleolítico Inferior e antes da chegada do homem moderno, com o dealbar do Paleolítico Superior.

NOTAS

- ¹ Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
Departamento de História
- ² Instituto Superior de Tomar
Departamento de Gestão do Território
- ³ O estudo que ora se apresenta pretende apenas caracterizar de forma sumária o espólio arqueológico exumado, destacando a sua importância no contexto regional e as potencialidades das informações a ele associadas. Uma análise mais aprofundada desta indústria lítica foi, entretanto, desenvolvida no âmbito de uma dissertação académica apresentada por um dos autores (S.C.) na Universidade de Paris 1. Acresce que uma descrição e estudo exaustivo de toda a colecção será apresentado com as dos restantes sítios intervencionados pelo Bloco 1 do plano de Medidas de
- Minimização de Impactes sobre o Património Arqueológico do Empreendimento do Alqueva promovido pela EDIA.
- ⁴ Observação efectuada macroscopicamente com base no grau de visibilidade dos cristais de quartzito (Grimaldi et al., 2001).
- ⁵ Por convencional entendemos os utensílios que são considerados na maior parte das listas-tipo de classificação ou que apresentam uma clara transformação posterior por via de retoque. Há obviamente toda uma série de lascas, eventualmente outras categorias tecnológicas, que terão sido utilizadas em bruto, não evidenciando numa observação macroscópica sinais dessa utilização.
- ⁶ É já conhecida a eficácia dos gumes de quartzito sem transformação prévia (Meireles e Cunha-Ribeiro, 1991-92).

BIBLIOGRAFIA

- BREUIL, H. (1917) - Glanes paléolithiques anciennes dans le Bassin du Guadiana. *L'Anthropologie*. Paris. 28:1-2, p. 1-19.
- ENRÍQUEZ NAVASQUÉS, J. J.; MORDILLO DURÁN, J. M. (1982) - *Las industrias achelenses y musterienses de la Comarca de Mérida*. Mérida: Patronato de la Biblioteca y Casa de la Cultura.
- GONZÁLEZ ECHEGARAY, J.; FREEMAN, L. G. (1998) - *Le Paléolithique inférieur et moyen en Espagne*. Grenoble: Éditions Jérôme Millon.
- MARTÍN BLANCO, P.; JIMÉNEZ MANZANARES, A.; SANGUINO GONZÁLEZ, J.; GÓMEZ DE LA LAGUNA, A. J. (1994) - Identificación de cadenas operativas líticas en el sitio arqueológico de la Casa de la Mina II (Argamasilla de Alba. C. Real): consideraciones acerca de los yacimientos superficiales sin contexto stratigráfico. *Zephyrus*. Salamanca. 47, p. 15-40.
- GRIMALDI, S.; ROSINA, P. (2001) - O Pleistoceno Médio final no Alto Ribatejo (Portugal Central): o sítio da Ribeira da Ponte da Pedra. In CRUZ, A. R.; OOSTERBEEK, L., eds. - *Territórios, Mobilidade e Povoamento no Alto Ribatejo II: Santa Cita e o Quaternário da Região*. Arkeos. Tomar. 11, p. 89-108.
- MEIRELES, J.; CUNHA-RIBEIRO, J. P. (1991-92) - Matérias-primas e indústrias líticas do Paleolítico Inferior português: representatividade e significado. *Cadernos de Arqueologia*. Braga. Série II. 8-9, p. 31-41.
- PAÇO, A. do; LEAL, J. B. (1962) - Estação paleolítica da ponte do Guadiana em Mourão. *Brotéria*. Lisboa. 75:6, p. 535-539.
- PERDIGÃO, J. C. (1980) - *Notícia explicativa da folha 41-C (Mourão) da Carta Geológica de Portugal na escala de 1/5000*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
- RAPOSO, L.; SILVA, A. C. (1980) - A estação languedocense do Xerez de Baixo (Guadiana). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 6-7, p. 47-86.
- RAPOSO, L.; SILVA, A. C. (1984) - O Languedocense: ensaio e caracterização morfo-técnica e tipológica. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV. 2, p. 87-166.
- SANTONJA, M.; QUEROL, M. A.; PEÑA, J. L. (1977) - Aplicación de la tipología de industrias paleolíticas a la datación del Pleistoceno superior en El Campo de Calatrava (Ciudad Real). In *Actas de la segunda reunión del Grupo de trabajo del Cuaternario: trabajos sobre Neogeno-Cuaternario*. Madrid: CSIC. 6, p. 251-261.
- SANTONJA, M.; QUEROL, M. A.; PÉREZ GONZÁLEZ, A.; HOYOS, M. (1977) - Nuevas industrias en la cuenca alta del Guadiana: estudio preliminar. In *Actas de la segunda reunión del Grupo de Trabajo del Cuaternario: trabajos sobre Neogeno-Cuaternario*. Madrid: CSIC. 6, p. 263-274.